

## UM DILEMA QUE NÃO PODERIA EXISTIR

*Reis Friede*<sup>1</sup>

“Na minha frente existiam dois caminhos (...) e eu trilhei por um deles (...) e isto fez enorme diferença (...)”

ROBERT FROST

(in “O Caminho que não Escolhi”)

A suposta “*negligência benigna*” de BARACK OBAMA está cedendo lugar, a passos largos, para uma verdadeira “*ingenuidade irresponsável*” no que concerne à política norte-americana de não proliferação de armas estratégicas para o Irã, em especial, e para o Oriente Médio, como um todo.

Não há qualquer dúvida razoável que indique que o Irã não está desenvolvendo um arsenal nuclear com capacidade estratégica. Muito pelo contrário, este País Islâmico, de nítida feição radical xiita, cumpre destacar, não somente testou e já incorporou ao seu arsenal Mísseis Balísticos de Alcance Intermediário (IRBM’s), como também já adquiriu, de seus parceiros comerciais russos, Submarinos, movidos a diesel, classe Kilo (SSK), com possível capacidade adaptada (em desenvolvimento) de lançar Mísseis Balísticos ou de Cruzeiro (SLBM / SLCM’s), - a exemplo do que tem feito Israel com os Submarinos alemães classe Dolphin (já operacionais) -, e avança, à luz

de todas as evidências, para o rápido desenvolvimento de Mísseis Balísticos Intercontinentais (ICBM’s), com reconhecido auxílio técnico norte-coreano, todos esses a serem futuramente dotados de ogivas nucleares.

Não se trata, portanto, da existência de dúvidas *quanto* às evidentes intenções belicistas iranianas, mas, ao reverso, de *quando* esta Nação terá todo o seu sistema estratégico-nuclear plenamente operacional, com capacidade de atingir, inclusive, o território dos EUA, e, mais do que isto, do elevadíssimo risco dessas armas, em versões portáteis e simplificadas, caírem em mãos de terroristas fanáticos, fomentados e orientados (direta ou indiretamente) pelas lideranças (ou parte delas) iranianas, com consequências inimagináveis para a segurança da sociedade americana, em particular, e democrática-ocidental, de modo geral.

Não há como deixar de reconhecer que o Irã tem sido, especialmente, hábil - e, mais uma vez, demonstra claramente esta notável capacidade -, em ganhar precioso tempo para o desenvolvimento de *tecnologia atômica bélica*, enquanto *simula*, com maestria, negociar com o Ocidente, iludindo, particularmente, os EUA com *promessas vagas* e *compromissos* de pouca ou nenhuma efetividade prática.

<sup>1</sup> Desembargador Federal e ex-Membro do Ministério Público. Mestre e Doutor em Direito e Autor de mais de 30 obras sobre Direito e Segurança Internacional.

Mesmo sob intensa pressão externa, cumpre registrar, o Irã tem apenas sinalizado, com um controvertido acordo, junto a AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica), que *reduziria* (porém não *eliminaría*) sua almejada capacidade de produzir armas nucleares, ao prever textualmente que Teerã envie menos de 60% (e não 100%) de seu urânio de baixo nível de enriquecimento à Rússia e à França (ou a um terceiro País, como pretendeu a tentativa de acordo patrocinada por Brasil e Turquia) que, em seus respectivos territórios, completariam o processo, reexportando o material pronto, para pretense uso pacífico, ao Irã.

Segundo muito bem adverte MEIR LITRAK, “(...) *este acordo se encontra distante de ser o melhor compromisso, porque os iranianos poderão continuar a produzir urânio (...); e o problema apenas seria adiado*”, ao passo que sob a ótica dos reais interesses (escusos) dos Aiatolás, consoante preleciona YOSSIE MELMAN, “*acabaria por remover qualquer justificativa para um ataque imediato aos locais nucleares iranianos*”, como, em essência, deseja Teerã.

Neste contexto analítico, parece-nos, portanto, obrigatório concluir que somente existe um *acordo* possível, ou seja, aquele que, através de termos e compromissos inequívocos (e perfeitamente comprováveis), *encerre*, em definitivo, o programa nuclear iraniano, com todas as suas inevitáveis consequências, considerando que qualquer outro tipo de *ajuste* sempre permitirá um *programa paralelo secreto*, que inevitavelmente conduzirá, mais cedo ou mais

tarde, ao desenvolvimento e à aquisição de armas nucleares por parte do renascido Império Persa.

Com o propósito de se construir uma melhor *cognição contextualizante*, cumpre, ainda, destacar recente pronunciamento do Secretário de Defesa ROBERT GATES, para quem “*o único meio de não ter um Irã nuclear é fazer o governo iraniano entender que sua segurança diminui ao possuir tais armas, em vez de reforçá-la*”. Tal afirmativa, surpreendente em seu âmago, à luz de todas as evidências, não resta apenas absolutamente *incorreta*, mas, com toda certeza, totalmente *desconectada* com qualquer lógica argumentativa razoável.

É por demais evidente que as lideranças iranianas, infladas de extremistas (ou simpatizantes), sabem muito bem que, ao contrário desta percepção ingênua, o peso relativo (e a própria estabilidade política) do regime xiita (e seu correspondente prestígio regional e mesmo internacional) aumentará imensamente com a posse de armas termonucleares e seus respectivos meios de lançamento estratégicos.

Pensar de modo diverso, expressa não somente uma autêntica e preocupante *dissonância cognitiva*, como ainda materializa um absurdo hiato entre o *desejo projetativo* e a *realidade observável*, posto que não há qualquer divergência significativa, entre os mais sérios e respeitados especialistas em segurança internacional, no sentido de que a única forma efetiva de não ter um Irã nuclear é impedir - inclusive, se necessário, com o emprego do poderio militar aeroespacial norte-americano - que este País obtenha tais armas.

Não obstante seja cedo reconhecer que todo *erro* de política externa norte-americana enseja, tenha ensinado e venha a ensinar consequências irreversíveis para esta Nação - não somente em termos de projeção do poderio militar, mas também (e fundamentalmente) de credibilidade política frente à Comunidade Internacional - cumpre destacar, por oportuno, neste diapasão analítico, que *mesmo tendo errado* no *Iraque* (em que se acreditou equivocadamente existirem armas de destruição em massa com potencial nuclear) com o preço da perda de mais de 5.000 soldados foi (e continua sendo) muito menos gravoso do que *ter errado*, alguns anos antes, no muçulmano e instável *Paquistão* (onde absolutamente nada se fez para impedir o acesso à tecnologia e à incorporação, em seus arsenais, de mísseis balísticos dotados de ogivas nucleares, com graves riscos de eles serem os, direta ou indiretamente, desviados para os mais diversos “terroristas de plantão”) e, mais recentemente, na *Coréia do Norte*, com riscos assemelhados.

Ainda que se possa afirmar, em contraposição crítica, que estas questões, em grande medida, pertençam ao “*passado*”, elas correspondem necessariamente a importantes lições que jamais podem ser esquecidas e, neste sentido, resta imperativo registrar, - com toda necessária ênfase -, que, simplesmente, não há espaço, *ipso facto*, para *errar* no Irã.

Por efeito consequente, o *dilema* que supostamente se apresenta (e que, ao que tudo indica, tem paralisado as ações estadunidenses e, especialmente, seu gigantesco poderio militar) não pode ingenuamente incluir, no presente momento, a hipótese de *não agir*, mas apenas (e restritivamente) a de *como agir*, seguindo, neste sentido e sem mais espaços para a presença de verdadeiras *dissonâncias cognitivas*, os importantes - e sempre atuais - mandamentos do Gen. GEORGE PATTON, para quem “*a passividade sempre foi, ao longo da história, uma prescrição para a derrota*”.